# Um relógio diferente dos outros

omeça esta história no Parque das Folhas Caídas. E começa quando o senhor Miguel Varredor, que tinha muitas folhas caídas para vassourar, encontrou, junto a um grosso carvalho com séculos de vida, um objecto a luzir no meio das folhas. Parecia um relógio. O senhor Miguel baixou-se e examinou o achado. Era, efectivamente, um relógio.

Desde que entrara ao serviço naquele parque, muitas coisas perdidas, algumas de valor, já achara: luvas, livros, chapéus, óculos, lenços, bolsas... – nem lhes tinha a conta.

E também um relógio, uma vez por outra.

O senhor Miguel pegava no objecto, achado por ele e perdido por alguém, que ele não conhecia, e entregava-o ao porteiro do parque, para que ele se encarregasse de o devolver «a quem provasse pertencer-lhe». Era assim tal e qual que vinha escrito no regulamento do Parque das Folhas Caídas.

Só uma vez não procedeu desta maneira.

Foi quando achou, no meio do parque, um menino que se perdera. Não o entregou ao porteiro, como estava escrito no regulamento. Ele próprio levou o achado pela mão até à casa dos pais do tal menino.

Ali estava mais um objecto perdido: um relógio. Era de ouro e tinha um lindo mostrador desenhado, com os números em relevo. O senhor Miguel observou melhor e reparou que tinha nas mãos um relógio invulgar, um relógio como nunca vira outro assim. Não se limitava a ser um relógio de bolso bonito, mesmo muito bonito. Era, realmente, um relógio extraordinário.

Um raio de sol, suspenso da rede de folhas, incidiu sobre o mostrador, como para apontar ao senhor Miguel as maravilhas de que aquele relógio se compunha.

— Tantos ponteiros! E para quê? – perguntava o senhor Miguel de si para si.

Então começou a reparar: um ponteiro para os segundos, outro para os minutos, outro para as horas. Até aqui era um relógio vulgar. Mas havia mais ponteiros... Um que indicava os dias da semana, outro que indicava os meses e outro que indicava as estações do ano. Numa fresta, numa pequena janela aberta no mostrador, distinguia-se um número de dois algarismos – era o dia do mês, e num buraquinho redondo, que quase se não via, lá estava também um número de quatro algarismos, a indicar o ano. Relógio mais completo seria impossível inventar!

O relógio trabalhava num tic-tac leve, que mal se ouvia. O senhor Miguel procurou a corda. Não tinha. «Talvez trabalhe com o calor do sol, como sucede às plantas...

Talvez trabalhe como o próprio Sol, que também não precisa de corda...», pensou o senhor Miguel, mal acreditando em tanta perfeição.

Foi a correr entregar o seu achado ao porteiro do parque. O dono do relógio devia estar em cuidado. De certeza que, àquela hora, corria, aflito, toda a cidade à procura do seu maravilhoso relógio. Daí a pouco passaria pelo parque e perguntaria se tinham encontrado um relógio com seis ponteiros, um relógio de mostrador desenhado, um relógio de ouro, um relógio muito valioso, muito antigo, um relógio extraordinário. Não podia fazê-lo esperar.

Mas o dono não apareceu nesse dia, nem nos dias seguintes. Nunca apareceu. Entretanto, o relógio continuava a trabalhar no seu tic-tac leve e a indicar com toda a precisão o segundo, o minuto, a hora, o dia, o mês, a estação do ano, o ano. Por duas vezes rodou o ponteiro dos meses no mostrador desenhado. Ao fim de dois anos, o relógio foi entregue ao senhor Miguel, porque ninguém o reclamara até então.

O relógio maravilhoso passava a pertencer ao senhor Miguel.

Ele ainda quis opor-se:

— Não mereço. Sou um homem tão simples... – queria ele dizer, mas a felicidade que sentia não o deixou falar.

O relógio de ouro passou a ser a sua única preocupação.

— Se ele pára?

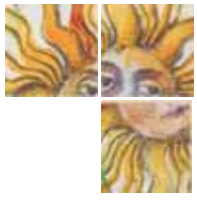
Mas o relógio não parava. Corria o ponteiro dos segundos, arrastava-se o ponteiro dos minutos, nem se via andar o ponteiro das horas. Os outros ponteiros pareciam parados, mas, quando vinha a chuva e o frio, o ponteiro das estações marcava, pontualmente, o Inverno.

O primeiro pensamento do senhor Miguel, ao acordar, era para o seu relógio. Teria o ponteiro dos dias ficado preso?

Ter-se-ia esquecido de andar? Nunca tal sucedia. O relógio maravilhoso nunca se atrasava.

Muitos algarismos passaram pelo buraquinho redondo que marcava os anos. Era um relógio incansável. Não podia dizer o mesmo o senhor Miguel. Envelheceu. Reformara-se. Já lhe faltava a vista para saber as horas e anos que o mostrador indicava. Umas vezes os filhos, outras os netos, outras os bisnetos, é que lhe diziam as horas, quando ele pedia.

Para que lhe servia saber as horas, se já perdera a conta dos anos que tinha? Ora, para quê? Só para ter a certeza de que o relógio que ele achara, o seu relógio, estava ali, continuava a trabalhar.



Quando, sentado numa cadeira de baloiço, com um cobertor pelos joelhos, acordava da sesta, perguntava logo ao bisneto mais novo:

— Que horas são?

— Sete horas, bisavô – respondia o garoto.

— De que dia?

— Terça-feira.

— E de que estação?

— Primavera, bisavô.

O senhor Miguel descansava. Mas esquecera qualquer coisa:

— Olha... e de que ano?

O bisneto dizia.

— Tão tarde – comentava o senhor Miguel, e voltava a adormecer.

António Torrado
*O mercador de coisa nenhuma*
Livraria Civilização Editora, 1994